



GT 60. No elã das palavras: contribuições da escrita criativa à etnografia

Coordenador(es):

Juliane Bazzo (UFGD - Fundação Universidade Federal da Grande Dourados)

Victoria Irisarri (IDAES-UNSAM/CONICET)

Sessão 1

Debatedor/a: Aline Lopes Rochedo (UFRGS)

Sessão 2

Debatedor/a: Talita Jabs Eger (..)

A despeito das possibilidades imagéticas de representação etnográfica, a escrita ocupa papel valioso no fazer antropológico, em tarefas como registrar vivências de campo, analisar dados e construir a narrativa dos estudos da disciplina. Diante dessa imprescindibilidade e, sobretudo, da crescente exploração de formatos inovadores de relatos etnográficos, este grupo de trabalho almeja discutir alternativas de redação que ofereçam, no âmbito da escrita criativa, a possibilidade de produzir textos capazes de potencializar a complexidade da empreitada antropológica. O debate pretendido pressupõe problematizar implicaçõesêmicas, teóricas, éticas e políticas de tais escolhas no processo de reflexividade. Acredita-se que o despertar dessa consciência textual oportuniza às experiências vividas por pesquisadores e interlocutores a chance de serem melhor representadas e apreendidas pelos leitores. Nesse contexto, o grupo espera receber trabalhos: (i) que revisem bibliograficamente o uso de recursos de escrita criativa em etnografias clássicas ou contemporâneas; (ii) que contemplem a elaboração de diários de campo ou cadernos de notas; (iii) que abranjam relatos etnográficos em formatos não tradicionais, com o emprego de ferramentas literárias e artísticas; (iv) que apresentem criticamente usos da escrita criativa em práticas de ensino de etnografia em cursos de Antropologia; (v) e que dissertem sobre processos e desafios da elaboração textual nas investigações da disciplina.

Fissuras Epistêmicas: Ilustrações e Pensamentos Feministas Negros

Autoria: Katianna de Sousa Almeida (ALEGO)

Nesta pesquisa se explora as potencialidades das ilustrações com o objetivo de oferecer maior detalhamento sobre o tema abordado, neste caso específico, os conceitos criativos e críticos dos pensamentos feministas negros. Tais epistemologias trazem para a superfície o debate sobre as intersecções entre gênero e raça e como estas alicerçam de maneira desigual as relações de poder. As imagens nesta produção acadêmica assumem o lugar de um recurso criativo de diálogo com feministas negras, especificamente as pensadoras Sueli Carneiro, Patrícia Hill Collins, Audre Lord, Neusa Santos e Lélia Gonzalez, que promovem uma relação dialógica entre os conjuntos de pensamentos científicos e histórias silenciadas, originando fissuras nas abordagens hegemônicas brancas, europeias e masculinas da produção do conhecimento. Ao propósito pujante de se expressar, as possibilidades são tão infinitas, que um espírito inquieto sente a necessidade urgente de bradar as oportunidades criativas da aproximação com a ilustração e os pensamentos feministas negros, tendo como finalidade a ampliação dos horizontes epistêmicos. Sendo assim, a produção do conhecimento não deve ter seu alicerce ancorado apenas em um tipo de linguagem, pois as epistemes são também táteis e não exclusivamente abstratas. A contribuição do diálogo entre as ilustrações e os pensamentos feministas negros é exemplificar uma das formas de conexão entre a práxis e a teoria, porque



não estamos obcecados em escrever sobre o que é o pensamento científico, na verdade, estamos a praticá-lo. Por isso, na contemporaneidade a Antropologia precisa ser um campo disciplinar de novas ideias e, conseqüentemente, das antropólogas e dos antropólogos exige-se o máximo das suas capacidades de criarem meios para a fissura das metodologias clássicas de pesquisa e das epistemologias tradicionais, ou seja, experimentar o seu potencial criativo para aguçar o olhar diante do contexto à sua volta e das possibilidades de expressões dos grupos sociais. As ilustrações nesta pesquisa são um convite ao mergulho profundo na investigação de outras linguagens para além da escrita, além de um olhar criativo para alguns conceitos dos pensamentos feministas negros, estes que tem como fundamento colocar-se em debate, em estado de alerta, em contínua fluidez. Não podemos nos esquivar de assumirmos riscos, porque ao final não é possível controlar os imponderáveis da vida cotidiana.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: